

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 035 08/09/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (08/09/08)**GRÃOS** (Preço líquido pago ao produtor)Feijão Carioca¹ - R\$ 150,00 - 160,00 / sc de 60 kgMilho² - R\$ 20,00 / sc de 60 kgSoja² - R\$ 44,00 / sc de 60 kg**HORTALIÇAS**³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 4,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 11,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$ 15,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 23,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,40 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 15,00 / Dz

Mandioca - R\$ 13,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ 3,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 10,00; Estufa R\$ 12,00 / cx 12 kg

Quiabo - R\$ 32,00 / cx 12 a 14 kg

Repolho - R\$ 9,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 22,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 32,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 1,20 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ 14,00 / cx 20 kg

Limão - R\$ 28,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA**Bovino**Arroba⁴ - R\$ 82,00 **Não Rastreado** e R\$ xxx **Rastreado**Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelrados)⁵
- R\$ 580,00 a 600,00**Leite**Litro⁶ - Latão: R\$ -- ; Tanque: R\$ 0,60**Suíno**⁷ - Vivo

Kg - R\$ 3,30

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,85

-- Galinha Caipira⁸

Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00

Carneiro⁹Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha
e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80**Peixe**¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)

Kg - R\$ 2,60

Avestruz¹¹ - vivo

Kg - R\$ 3,00

Recortes**Nova soja chega aos EUA e ameaça liderança do Brasil**

Uma nova variedade de soja que promete aumentar a produtividade do grão de 7% a 11% é um dos destaques da Farm Progress Show, feira de tecnologia agrícola que ocorre em Boone, próximo a Des Moines, capital de Iowa (IA), nos Estados Unidos. O lançamento combina o gene presente na Roundup Ready e um processo de melhoramento molecular que potencializa o rendimento por hectare. A RR2Y foi desenvolvida pela multinacional Monsanto, detentora da tecnologia RR - que controla ervas daninhas com o uso de glifosato e está disponível no mercado norte-americano desde 1996 e no brasileiro desde 2004.

Confirmado o resultado obtido nas áreas experimentais, a semente deve tirar do Brasil a liderança na produtividade da oleaginosa. O rendimento médio das lavouras dos Estados Unidos, que na safra de 2007/08 foi de 2.771 quilos por hectares, pode saltar para 2.965 quilos por hectare, considerando um ganho de 7% de produtividade. David D. Songstad, diretor da área de novos produtos da Monsanto, confirmou que a RR2Y estará disponível ao produtor norte-americano na próxima safra. No último ciclo, as lavouras brasileiras produziram, em média, 2.818 quilos por hectare.

Fonte: Gazeta do Povo - PR**Custo da safra sobe 4 vezes mais que inflação**

Se na última década o cenário econômico no Brasil foi marcado pela estabilização da inflação, a evolução dos custos de produção das principais culturas cultivadas no País nos últimos 10 anos mostra que para o agricultor a situação não foi a mesma. Enquanto o Índice Geral de Preços ao Mercado (IGP-M), divulgado pela Fundação Getulio Vargas (FGV), acumulou 50,98% entre agosto de 1998 e agosto de 2008, a inflação no campo ultrapassou a marca dos 200% para algumas culturas: feijão sequeiro (246,79% em Campo Mourão/PR), soja (234,13% em Primavera do Leste/MT), algodão (230,10% em Sorriso/MT), trigo (214,23% em Toledo/PR), milho (177,15% em Primavera do Leste/MT) e arroz sequeiro (156,31% em Sorriso/MT). Os números têm como base os novos valores dos custos de produção divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Fonte: DCI - Diário do Comércio & Indústria**Safra 2008/09 terá 4% de milho modificado**

A safra de verão do milho deverá contar com pelo menos 400 mil hectares de plantio transgênico, o equivalente a 4% da área total da safra anterior. A estimativa do setor é de que 400 mil sacas de semente Geneticamente Modificada (GM) sejam ofertadas por empresas do setor. O plantio exige em média uma saca de sementes para cobrir um hectare. A expectativa é que a produtividade seja 15% maior que a convencional, que produz em média 3 toneladas por hectare.

Fonte: Gazeta do Povo

Mercado de leite vive encruzilhada no país

A produção de leite no Brasil caminha para atingir este ano um volume que quase ninguém do setor achava provável. Depois do volume de 27,2 bilhões de litros de 2007, segundo o IBGE, estimativas indicam que a produção pode bater 30 bilhões de litros em 2008, algo que era esperado para 2010, nas projeções mais otimistas.

O motivo para esse cenário foram os preços altos - no mercado interno e no exterior no ano passado - que estimularam o aumento da produção de leite. De acordo com o levantamento do Cepea/Esalq, entre agosto de 2006 e agosto de 2007, a valorização dos preços médios ao produtor foi de 52%, de R\$ 0,5028 para R\$ 0,7654 por litro. De agosto de 2007 até o mês passado, a queda foi de 7%, e o preço voltou para R\$ 0,7117.

E deve cair mais já que o setor enfrenta recuo na demanda e as exportações de lácteos, apesar de avançarem, ainda respondem por uma pequena parcela da produção nacional de leite.

Num setor em que o crescimento histórico médio da produção é de 3% a 4% ao ano, surpreendeu o avanço de 9,31% levantado pelo IBGE no primeiro trimestre deste ano, quando o volume de leite captado pelas indústrias alcançou 4,893 bilhões de litros.

A previsão se refere ao leite que passa por inspeção sanitária (federal, estadual ou municipal) - no ano passado foram 17,886 bilhões de litros do total de 27,2 bilhões - segundo o IBGE. Extrapolando o avanço de 9,3% para a produção total, o volume alcançaria 29,8 bilhões de litros. "A expectativa era que o país iria produzir isso em 2010", afirma João Bosco Ferreira, presidente da mineira Cemil.

"Há quem fale em quase 33 bilhões de litros", acrescenta Laércio Barbosa, vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida (ABLV) e diretor do Laticínios Jussara. Essa estimativa, ainda mais surpreendente, considera o índice de captação de leite do Cepea - que de janeiro a julho deste ano foi 21,6% superior ao de igual intervalo de 2007. O índice é feito com base em levantamento em indústrias de nove Estados brasileiros.

Jorge Rubez, presidente da Leite Brasil (que reúne produtores), reconhece que a produção "cresceu absurdamente" este ano e diz que o quadro foi estimulado pelas indústrias que fizeram uma "corrida à compra de leite".

Segundo ele, dados compilados pelo setor produtivo com base em informações do Ministério da Agricultura indica que as indústrias receberam 11,7% mais no primeiro semestre deste ano. Ele avalia, porém, que esse ritmo não irá persistir até o fim do ano.

Gustavo Beduschi, pesquisador do Cepea, também considera que o avanço de 21,6% no índice de captação visto até julho não deve se manter. "O primeiro semestre foi muito forte", observa. Mas ele admite que "é difícil" que caia abaixo de 10%.

O pesquisador pondera que há um risco em extrapolar o avanço na captação (apenas leite inspecionado) para o total da produção. A razão é que a alta dos preços pode ter levado a uma "formalização" de produtores, contribuindo para a maior oferta. Isto é, produtores que não entregavam a empresas passaram a fazê-los. Eles já existiam, mas sua produção era comercializada informalmente.

Maurício Nogueira, analista da Scot Consultoria, avalia que o crescimento de 10% a 15% na produção pode está superestimado. Se se confirmar, porém, "o leite vai despencar". Para ele, a atual queda dos preços pode resultar num "amadurecimento" da cadeia, com a saída de produtores, como os que chama de "extrativistas", aqueles que aproveitam períodos de bons preços para elevar a oferta.

Rubez, que junto com cadeia produtiva, levará ao governo um pedido de medidas de apoio - como EGF (empréstimos do governo federal) para a indústria - diz que a queda do consumo piora o quadro para os produtores. Segundo ele, pesquisas indicam recuo entre 8% e 10% no consumo de lácteos no primeiro semestre do ano.

Alfredo de Goye, da trading Serlac, considera o quadro positivo no médio prazo e diz que os excedentes devem ser destinados ao exterior. Isso já está acontecendo. "No primeiro semestre, fizemos o equivalente ao que exportamos todo o ano passado", observa. Em receita foram US\$ 291 milhões e o volume alcançou 81.952 toneladas.

Para Barbosa, da ABLV, o potencial de exportação foi superestimado, o que também levou ao aumento da produção. "Demora tempo para abrir mercados".

Hoje, o Brasil exporta para a Venezuela e países da África e sonha com o México, mercado que se abriu recentemente, mas que ainda não compra, já que importar dos EUA é mais vantajoso.

Fonte: Valor Econômico